

# Interpretações Sobre as Jornadas De Junho De 2013

Olívia Cristina Perez<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal do Piauí.

*Received: 7 December 2019 Accepted: 1 January 2020 Published: 15 January 2020*

---

## Abstract

This article addresses certain interpretations about the origins, characteristics and legacies of the protests that took place in mid-June 2013 in Brazil. The qualitative research systematized 55 academic publications about the Journeys of June. The results show that, in general, the Journeys are associated with the protests that took place in the city of Sao Paulo against the increase in bus fares. The Journeys would have expressed popular dissatisfaction with the political system and its ineffectiveness in fulfilling social demands. In addition to presenting such interpretations, the text problematizes some of them, pointing to the diversity of actors, agendas and repertoires of the protests, avoiding certain generalizations present in the researched texts. The research contributes to the knowledge about the 2013 June Journeys in Brazil, based on the conception that these are interpretations and therefore are subject to problematization.

---

**Index terms**— june journeys; june 2013; protests; manifestations; conservative wave; brazil.

origens, características e legados dos protestos que ocorreram em meados do mês de junho de 2013 no Brasil. A pesquisa qualitativa sistematizou 55 publicações acadêmicas sobre as Jornadas de Junho. Os resultados mostram que, em geral, as Jornadas são associadas aos protestos que ocorreram na cidade de São Paulo contra o aumento das passagens de ônibus. As Jornadas teriam expressado a insatisfação popular com o sistema político e sua ineficácia na concretização das demandas sociais. Além de apresentar tais interpretações, o texto problematiza algumas delas, apontando para a diversidade de atores, pautas e repertórios dos protestos, evitando certas generalizações presentes nos textos pesquisados. A pesquisa contribuiu para o conhecimento sobre as Jornadas de Junho de 2013 no Brasil, partindo da concepção de que se trata de interpretações e por isso são passíveis de problematizações.

Palavras-chave: jornada de junho; junho de 2013; protestos; manifestações; onda conservadora; brasil.

## 1 I.

Introdução Em meados de Junho de 2013 milhares de brasileiros foram às ruas com pautas diversas que reivindicavam desde a concretização dos direitos sociais até mudanças no sistema político (Alonso, 2017 Vommaro, 2015). No início eram cerca de duas mil pessoas nas ruas; em duas semanas havia mais de um milhão (Folha de São Paulo, 2015).

Como resposta ao protesto mais famoso das Jornadas (o que ocorreu em 2013 na cidade de São Paulo), o prefeito de São Paulo à época, Fernando Haddad, filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT), revogou o aumento das passagens. Mas os protestos não se encerraram. Em junho do mesmo ano a ex-presidenta, Dilma Rousseff (também filiada ao PT), pronunciou-se na televisão prometendo um pacto que visava à melhoria dos serviços públicos e incluía um Plano Nacional de Mobilidade Urbana, a destinação de cem por cento dos recursos do petróleo para a educação e a importação imediata de milhares de médicos do exterior para ampliar o atendimento do Sistema Único de Saúde (SUS). Comprometeu-se também a realizar uma reforma política ampla e profunda que ampliaria a participação popular. Mas nem assim os protestos cessaram. Pelo contrário: eles começaram a ter como pauta justamente o impeachment da ex-presidente Dilma Almeida. O presente texto tem como objetivo apresentar argumentos que explicam as Jornadas. A pergunta que guia a pesquisa é: quais são as interpretações

45 sobre as origens, características e legados de Junho de 2013 de acordo com textos acadêmicos publicados sobre o  
46 assunto? Tem-se como hipótese que os escritos sobre Junho divergem a respeito do ciclo de protestos, mas que  
47 é possível organizá-los com vistas à percepção das diferentes interpretações a respeito do fenômeno. Além de  
48 apresentar tais interpretações, o texto problematiza algumas delas, apontando para a diversidade dos atores,  
49 das pautas e dos repertórios das manifestações, evitando com isso certas generalizações que aparecem nos textos.

50 É importante ressaltar que não se trata apenas de uma nova descrição sobre as origens, características ou  
51 legados das Jornadas de Junho, tampouco de uma síntese que revele de fato o que foi Junho de 2013. Mais que  
52 isso, o texto parte do pressuposto de que Junho é um terreno de disputa que resiste a simplificações. O trabalho  
53 também não tem a intenção de abordar todas as interpretações sobre as Jornadas. Limitamos-nos aqui a algumas  
54 dessas interpretações divulgadas em periódicos científicos disponibilizados online.

55 A pesquisa apresenta uma nova abordagem ao organizar e problematizar a literatura acadêmica existente sobre  
56 as Jornadas de Junho. Pretende-se desta maneira fornecer ao leitor uma compreensão mais ampla sobre Junho,  
57 apontando para as disputas e complexidades do fenômeno.

## 58 2 II.

### 59 3 Procedimentos Metodológicos

60 Trata-se de uma pesquisa qualitativa que utiliza a técnica da sistematização da literatura para organizar as  
61 interpretações sobre Junho de 2013. A revisão sistemática da literatura parte de uma seleção criteriosa de  
62 trabalhos com vistas a reunir um conhecimento sobre determinado assunto. As revisões sistemáticas são úteis  
63 para integrar as informações de um conjunto de estudos realizados separadamente e identificar temas em comum,  
64 orientando investigações futuras (Sampaio; Ancini, 2007, p. 84).

65 Primeiramente em março de 2019 foram levantados artigos científicos no Portal de Periódicos da Coordenação  
66 de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) 1 Percebeu-se que os resultados não abrangiam  
67 artigos mais recentes, em especial os de 2019. Por isso optou-se pela localização de artigos sobre Junho de 2013  
68 no repositório de periódicos Scielo, embora o portal de periódicos da Capes reúna artigos publicados no Scielo.

69 (acesso restrito) que continham o descritor "Junho" em seu assunto. Foram encontrados os 44 resultados,  
70 dentre os quais três artigos não tratavam das Jornadas e outros quatro eram repetidos, logo, 37 artigos foram  
71 escolhidos para análise. A busca em portais que reúnem periódicos tem suas limitações. Por exemplo, o fato  
72 de não reunirem trabalhos que ainda estão em preparação ou livros a respeito do tema. Para contornar tais  
73 limitações, foram incluídos na análise três livros que continham capítulos sobre o tema e mais um escrito por um  
74 único autor.

75 No Scielo foram encontrados vinte artigos, dentre os quais nove já haviam sido extraídos da plataforma da  
76 Capes, por isso foram excluídos, e mais dois não tratavam do assunto, totalizando nove artigos incluídos na  
77 presente análise. 3 Por fim, buscou-se analisar de eventos que continham trabalhos que explorassem a questão.  
78 Foram selecionados dois trabalhos nos anais da IV Conferência Internacional: "Greves e Conflitos Sociais", fruto  
79 de uma conferência realizada em São Paulo em julho de 2018, e outros três extraídos dos anais do Encontro da  
80 Associação Nacional de Pós-Tais livros foram escolhidos por terem sido bastante citados nos artigos. 1 A Capes  
81 é uma fundação vinculada ao Ministério da Educação do Brasil (MEC) que atua na expansão e consolidação da  
82 pós-graduação stricto sensu (mestrado e doutorado). O Portal de Periódicos da Capes é a maior biblioteca virtual  
83 do Brasil: reúne 48 mil periódicos em texto completo e é acessado por mais de 400 instituições no País (fonte:  
84 <https://www.capes.gov.br>) 2 O Scielo é uma importante ferramenta de busca por material científico no Brasil.  
85 Segundo informações obtidas na página virtual da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo  
86 (FAPESP, 2015), o Scielo "indexa e publica em acesso aberto na internet uma coleção selecionada de periódicos  
87 científicos brasileiros com o objetivo de aumentar sua visibilidade, acessibilidade, qualidade, uso e impacto." Ao  
88 todo foram localizados 46 artigos científicos, quatro livros e mais cinco trabalhos de eventos, totalizando 55  
89 materiais acadêmicos sobre as Jornadas de Junho. Todo esse material foi lido e sistematizado com o auxílio do  
90 programa de computador NVivo (programa de computador para análise de dados qualitativos).

91 O conteúdo dos textos foi analisado a fim de se extrair interpretações sobre as origens, características e legados  
92 das Jornadas de Junho. A análise de conteúdo é uma técnica bastante utilizada nas pesquisas qualitativas com  
93 o objetivo de verificar a frequência com que ocorrem determinadas construções em um texto, o que permite  
94 sistematizar as informações reunidas (Bardin, 2006). Vários dos textos reunidos não versavam sobre os pontos  
95 de interesse da pesquisa e por isso não foram incluídos nas análises.

96 A título de exemplo e ilustração, serão retomados trechos de textos que versam sobre aspectos relacionados  
97 às Jornadas, como os protestos fora do Brasil, manifestações posteriores a 2013 ou as relações entre sociedade  
98 civil e Estado.

## 99 4 III.

### 100 5 Que Foi Junho De 2013

101 As passeatas e protestos que se espalharam no Brasil em 2013 são chamados de Manifestações de 2013, Jornadas  
102 de Junho, Junho de 2013 ou Revoltas de 2013. A própria nomeação do fenômeno varia entre os autores. Alguns  
103 o chamam Jornadas de Junho ou Jornadas de Junho de 2013 (Bringel; Players, 2015; Fonseca, 2018;endonça,

104 20017), indicando desse modo que se trata de um ciclo de protestos, não apenas uma grande manifestação. Outros  
105 falam em Manifestações de Junho de 2013 (Miranda, 2017), ressaltando com isso os protestos de rua. Saibam os  
106 autores ou não que a nomenclatura traz consigo certa ênfase ao ciclo ou ao protesto, certo é que há implicações.

107 Optamos neste texto por chamar o fenômeno de Jornadas de Junho. Isso implica filiá-lo a um ciclo de protestos  
108 maior. 4 4 A noção de ciclo de protestos tem como base os escritos de Tarrow (2009, p.25) segundo os quais  
109 os ciclos de confrontos acontecem "uma vez que os recursos para uma ação coletiva se tornam disponíveis para  
110 as pessoas comuns e para as pessoas que diziam representá-las [...], produzindo os períodos de turbulência e  
111 reorganização".

112 Além disso a nomenclatura permite estabelecer conexões entre protestos como a "Revolta do Buzú" (Salvador,  
113 2003) e a "Revolta da Catraca" ??Florianópolis, 2004 ??Florianópolis, -2005)), que já expressavam antes de 2013  
114 a insatisfação com o sistema político e a necessidade de concretização do direito de ir e vir por meio da redução  
115 das tarifas de transportes coletivos (Pacelli, 2016) Ainda no tocante ao tipo de organização mais presente nas  
116 Jornadas, é preciso diferenciar discursos de práticas. O fato de organizações como o MPL e outros c oletivos  
117 se definirem como horizontais não permite a adoção desses critérios para todas as organizações presentes nas  
118 Jornadas. Tampouco é possível afirmar que uma organização seja de fato horizontal a partir de sua própria  
119 definição. Mesmo a autoproclamada autonomia dessas organizações pode ser questionada: primeiramente p  
120 orque na própria manifestação já exige algo do Estado; em segundo lugar porque muitos integrantes de partidos  
121 que estavam nas manifestações foram eleitos para cargos públicos. A relação dos manifestantes com partidos  
122 políticos foi verificada por Souza (2017, p.14), que assim explica: "o que o ciclo de 2013 parece demonstrar pelo  
123 menos em seus padrões relacionais é uma ligação complexa entre os partidos políticos da esquerda e o MPL-SP.  
124 [...]"

125 Também há de interpretação a respeito das pautas dos protestos. Para aqueles que associam Junho à  
126 reivindicação iniciada por MPL de que a tarifa de ônibus não sofresse aumento, os protestos tinham relação  
127 com direitos sociais, c omo o de ir e vir (Augusto; Rosa; Resende, 2016).

128 Desmistificando certa associação de Junho com uma única pauta, Tatagiba e Galvão (2019) identificaram entre  
129 as pautas sobretudo queixas dirigidas ao governo e ao sistema político, seguidos por temas como salário, trabalho  
130 e c ondições de vida nas cidades. Nesse sentido, nota-se que as condições de vida na cidade não seriam a pauta  
131 principal. Outro estudo comprova o caráter amplo das mani festações por meio de análises dos cartazes dos  
132 protestos que traziam desde frases como "não são apenas os vinte centavos" (em referência ao aumento da tari  
133 fa do transporte coletivo em São Paulo) até pautas relacionadas aos direitos dos animais (M oraes, 2015). Até  
134 mesmo pautas conservadoras que ganharam fôlego depois de 2013 já estavam presentes nas Jornadas (Alonso,  
135 2017). Log o, a interpretação dos protest os como bloc os homogêneos elimina sua diversidade.

136 Outra disputa diz respeito à novidade das Jornadas. O termo "novíssimos movimentos sociais" por vezes é  
137 utilizado para nomear as Jornadas (Augusto; Rosa; Resende, 2016; Gohn, 2017). Conforme essa explicação, os  
138 novíssimos moviment os sociais seriam plurais s, autônomos, horizontais e apartidários ??Augusto; Rosa;

139 Resende, 2016), características de organizações distantes das estruturas institucionalizadas (Gohn, 2017). O  
140 símbolo d os novíssimos seria o Movimento Passe Livre, a organização mais associada às Jornadas, caracterizada  
141 pelos "princípios do apartidarismo, horizontalidade, autonomia e constituição de frente de luta para pressionar por  
142 um objetivo específico" (Augusto; Rosa; Resende, 2016, p .26). Até o fato de que as Jornadas teriam expressado  
143 e incentivado o discurso e a prática antipartidária e antissistêmica foi considerado uma novidade. Por exemplo,  
144 conforme Noqueira (2013), a natureza dos protestos e das organizações associadas ao MPL era não partidária.  
145 Por isso, na visão do autor, o movimento foi virtuoso quando conseguiu evitar sua instrumentalização p olítica.

146 Tais interpretações, temporalmente próximas dos protestos, apontam para uma nova ordem política inaugurada  
147 pelas Jornadas: uma organização do poder mais aberta à participação da população e menos mediada por partidos  
148 políticos.

149 No entanto, a novidade é passível de problematizações. As passeatas de 2013 não foram bem uma novidade:  
150 os brasileiros já estavam expressand o insatisfação com a política e com os serviços públicos em protestos como  
151 a "Revolta do Buzú" (Salvador, 2003) e a "Revolta da Catraca" ??Florianópolis, 2004 ??Florianópolis, -2005)).  
152 Inclusive marchas contra a corrupção aconteceram em 2011 em diversas capitais do País. As primeiras, em  
153 Brasília, levaram cerca de 25 mil pessoas para as ruas. Organizados por meio das mídias sociais, esses atos de  
154 protesto atacavam o voto secreto no Congresso, os recentes escândalos de corrupção no g overno da presidenta  
155 Dilma Rousseff, a não aplicação da Lei da Ficha Limpa e até o presidente da Confederação Brasileira de Futebol  
156 (CBF), Ricardo Teixeira. Nessas manifestações, evitou-se o uso de referências partidárias (Estadão, 2011).

## 157 6 IV. Interpretações Sobre as Origens De Junho De 2013

158 Junho de 2013 também é frequentemente comparado com ciclos de protestos que aconteceram em outras partes  
159 do mundo (Cocco, 2014). Em mead os de 2010 grandes protest os ocorreram no âmbito internacional, como  
160 as Jornadas da Praça Tahir no Egito, o Occupy Wall Street nos Estados Unidos e os Indignados na Espanha  
161 (Carneiro, 2012). Pleyers e Glasius (2013) explicam que esses e outros ativismos pós-2010 têm em comum a  
162 infraestrutura de redes e reuniões que facilitam a rápida difusão de slogans, repertórios de ação e significados,  
163 processos de globalização, que influenciam de forma semelhante a geração de ativistas, e demandas e identidade  
164 centradas em três conceitos interconectados: democracia, justiça social e dignidade.

165 É importante ressaltar que, embora sejam apontadas similaridades entre os ciclos ??e Mobilizando um

166 argumento mais econômico e, no entanto, ainda próximo da comparação com o cenário internacional ,  
167 estudos como de Coutrot (2014) explicam que o Brasil, assim como outras partes do mundo, passava por uma crise  
168 econômica que culminou em grande insatisfação e revolta da população. A crise econômica brasileira foi uma  
169 decorrência de crises mundiais agravada por anos de adoção de medidas neoliberais (não revertidas pelo Partido  
170 dos Trabalhadores).

171 Outro conjunto de argumentos para explicar as origens de 2013 remete aos limites da atuação do PT na  
172 presidência do país, em especial durante a gestão de Dilma Rousseff (de 2011 a agosto de 2016). O PT não teria  
173 conseguido promover reformas importantes e manteve a democracia fechada aos anseios da população (Silva,  
174 2015). Nesse sentido, como explica Fonseca (2018, p.5):

175 [...] pode-se afirmar que as manifestações de junho/julho, mesmo que polifônicas, aparentemente apontam  
176 para o esgotamento do pacto incremental e conservador articulado pelo lulismo: por não enfrentar os grandes  
177 poderes constituídos, por agir apenas nas franjas do sistema de poder e por não "radicalizar a democracia".

178 Nesse sentido, os protestos de 2013 teriam acontecido pela incapacidade do governo petista, que mesmo após  
179 promover a ascensão de milhões de brasileiros à classe média via consumo, não conseguiu realizar reformas  
180 estruturais.

181 Um outro argumento que atribui ao PT certa responsabilidade pelas Jornadas de Junho defende que o  
182 partido deixou de fazer a mobilização das bases, cooptando militantes de movimentos sociais para seus quadros.  
183 Consequentemente, os movimentos sociais do campo progressista teriam se desmobilizado, permitindo assim o  
184 avanço de organizações conservadoras.

185 Analogamente, conforme outra explicação, a origem das Jornadas estaria na incapacidade do sistema político  
186 brasileiro de responder às novas demandas dos cidadãos (Santos, 2014;Silva, 2015). Haveria uma crise da  
187 representação e do sistema político que elegeria políticos que não atenderiam as demandas dos cidadãos. Daí a  
188 recorrente crítica aos partidos e ao sistema político nos protestos.

189 Conforme outra explicação, os protestos cresceram, dentre outros motivos, devido à repressão policial violenta  
190 em alguns deles. O estopim das reações contrárias à violência policial teria acontecido após os protestos em São  
191 Paulo no dia 13 de Junho de 2013, quando diversos manifestantes, especialmente jornalistas, foram feridos ou  
192 detidos pela Polícia de São Paulo (Santos, 2014). Foi nesse protesto que o repórter fotográfico Sérgio Silva da  
193 agência Futura Press perdeu a visão do olho esquerdo após ser atingido por uma bala de borracha disparada  
194 por um policial. A condenação social dos atos de violência policial teria levado mais pessoas a participarem dos  
195 protestos posteriores.

196 O aumento de acesso e uso da internet também é considerado um dos fatores que explicariam as Jornadas  
197 (Pacelli, 2016;Santos, 2014). Conforme esse argumento as redes sociais digitais, como o Facebook e o Twitter, p  
198 ossibilitaram a convocação e organização dos manifestantes, sendo, portanto, imprescindíveis para a mobilização  
199 de tantos manifestantes. No entanto, trabalhos como o de Machado e Miskolci (2019) ponderam que não é  
200 possível atribuir às Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) a eclosão dos conflitos: as TICs visibilizam,  
201 amplificam e radicalizam tensões, mas não desencadeiam conflitos por si só.

202 Como procuramos indicar, nos trabalhos citados é comum a associação de Junho com fenômenos novos ou  
203 recentes, tais como a popularização da internet ou a administração do PT no Governo Federal. Não encontramos  
204 trabalhos que tentem explicar Junho por meio da cultura política autoritária na sociedade brasileira. Isso faz  
205 concluir que os argumentos tendem a ser externos aos cidadãos, mas também poderiam ser internos.

## 206 7 V. Possíveis Legados De Junho De 2013

207 Depois de 2013 o discurso anticorrupção predominantemente orientado contra o PT começou a ganhar destaque  
208 entre as pautas dos protestos ??Almeida, Movimento Brasil Livre (MBL) (Gohn, 2018). Foi em manifestações  
209 como essas que proliferou o apoio à intervenção militar.

210 Conforme alguns interpretes, a preponderância da direita já no ciclo de protestos significou o fim de um ciclo  
211 político brasileiro iniciado com a redemocratização nos anos setenta (Mendonça, 2017, s/p.). Nesse sentido as  
212 Jornadas teriam aberto espaço para o avanço dos projetos conservadores que hoje são predominantes no país  
213 (Lima, 2014;Nunes, 2014;Silva, 2015). As práticas conservadoras teriam começado a se manifestar em 2015  
214 nas passeatas que pediam o impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, desembocando por volta de 2018 em  
215 apoio à ditadura e em votos para um candidato de ultradireita (Jair Bolsonaro) nas eleições presidenciais. Nesse  
216 processo, a esquerda arrefeceu e virou alvo de críticas alimentadas pelo discurso anti-PT.

217 Uma das explicações para a guinada do ciclo de protestos à direita é cooptação das manifestações pelas forças  
218 conservadoras (Nunes, 2014). De acordo com essa interpretação, as manifestações iniciais eram autônomas,  
219 horizontais e à esquerda. No entanto, a direita (também com seus partidos) usou as manifestações para disseminar  
220 e impulsionar pautas conservadoras. Lima (2014, s/p.) explica que "o que começou como veemente condenação  
221 transformou-se da noite para o dia não só em tentativa de cooptação, mas também em um esforço para instigar e  
222 pautar as manifestações, introduzindo bandeiras aparentemente alheias à motivação original dos manifestantes".  
223 Uma das instituições responsáveis por essa inversão de pauta teria sido a "velha mídia" (TV, diário e jornal),  
224 que no início condenava os protestos e depois passou a apoiá-los, inclusive incentivando a participação de seu  
225 público. Nesse sentido, de modo geral, as jornadas de Junho de 2013 teriam sido invadidas por conservadores, o  
226 que gerou um enfraquecimento das pautas iniciais do MPL e contribuiu para a deposição do governo Dilma.

227 No entanto, embora essa interpretação descreva parcialmente a emergência das tendências reacionárias que se

---

228 anunciariam nos protestos, nem por isso seria possível compreender Junho como um bloco homogêneo à esquerda  
229 seguido por outro bloco de protestos também homogêneo, desta vez à direita. Pesquisadores mostram que há c  
230 ontinuidades entre Junho de 2013 e os protestos conservadores posteriores. Em que pese as diferenças entre os  
231 protestos, em Junho de 2013 já estavam presentes pautas e membros de partidos mais à direita: por exemplo,  
232 as que ressaltavam o fim da corrupção com ênfase moral. Para Angela ??lonso, em Isso pode parecer um c  
233 ontrassenso. M as segundo argumentação aqui apresentada, Junho de 2013 foi tão diverso que não se pode  
234 atribuir àquelas manifestações um caráter democratizante. Isso não significa que os atores, pautas e repertórios  
235 mobilizados em Junho de 2013 sejam iguais aos das manifestações de apoio ao presidente Bolsonaro. Mas sim  
236 apenas que em Junho houve uma diversidade de atores que deve ser considerada, percepção que ajudaria a  
237 relativizar ideia de que o Brasil "virou": os conservadores já estavam nas ruas nas Jornadas de Junho.

238 Inversamente no entanto, a associação das Jornadas com o fim do ciclo político democratizante no Brasil  
239 também falha em descrever totalmente a complexidade do processo. Ela desconsidera outros fatores que têm  
240 relação com a eleição de Jair Bolsonaro, como o interesse dos empresários pela pauta ultraliberal do presidente  
241 eleito, ou o impacto das novas tecnologias da comunicação nas eleições. Em última instância, uma interpretação  
242 que relacionasse diretamente a presença da direita em Junho à configuração política atual poderia culpabilizar os  
243 manifestantes e as organizações políticas presentes em Junho pela ascensão de um projeto conservador, distinto  
244 das ideias defendidas por grande parte d os manifestantes que saíram às ruas em junho. E se os interesses  
245 empresariais e a própria ascensão vertiginosa da figura de Bolsonaro apontam para fatores posteriores, estudos  
246 como o de Moisés (2008) revelam traços autoritários na cultura política brasileira anos antes das Jornadas.

## 247 8 Volume XX Issue III Version I

### 248 9 ( F )

249 Para além dos impactos no sistema político institucional ou eleitoral, algumas interpretações também apontam  
250 para um outro tipo de legado de Junho de 2013: a reconfiguração d o ativismo social (Bringel; ??eyers, 2015;Perez,  
251 2019; ??erruzo, 2014). Parte desse legado seriam os coletivos, organizações que se propõem discursivamente como  
252 estruturas novas, fluidas, mais horizontais e divergentes das organizações políticas tradicionais, repudiadas em  
253 virtude de seu excesso de normas e hierarquias (Perez, 2019).

254 Assim como o significado de Junho de 2013 varia nas interpretações posteriores, durante o processo ele também  
255 foi múltiplo de acordo com o espectro político pelo qual era interpretado. No calor do momento, a televisão  
256 mostrava a ocupação de centros de poder (Congresso Naci onal e Assembleias Legislativas), enquanto na internet  
257 circulavam expressões como "O Gigante acordou", como se de fato os brasileiros tivessem despertado de um sono  
258 profundo de alienação política e social. A ideia de que o brasileiro havia "despertado" para transmitia uma  
259 alegria em relação às manifestações. Para intérpretes como Nogueira (2013), havia uma esperança de a política  
260 do Brasil seria aprimorada. Se o brasileiro em geral, e os jovens em particular, eram considerados passivos e  
261 pouco interessados em política, as manifestações de Junho de 2013 poderiam estar mostrando que esse cenário  
262 havia mudado.

263 É certo que nem todas as interpretações eram carregadas de esperança: em meio à euforia, alguns militantes do  
264 Partido dos Trabalhadores (PT) -partido mais à esquerda no espectro político -desconfiavam que as manifestações  
265 poderiam ser o germe do fim da democracia (cf. Miranda, 2017). Como a pauta inicial do movimento tinha c  
266 omo alvo a gestão municipal em São Paulo de Fernando Haddad, filiado ao PT, os petistas se preoc upavam  
267 com o impacto da mobilização contra um governo mais à esquerda. André Singer, por exemplo, porta-voz da  
268 presidência da República no primeiro governo Lula, minimiza os efeitos de Junho ao escrever que: "o Junho  
269 brasileiro também produziu um tremor de terra, p orém não chegaria a qualificá-lo de terremoto, uma vez que o  
270 travejamento fundamental da ordem não foi questionado". ??Singer, 2013, p .24). Para o autor, as Jornadas não  
271 questionavam as relações de classe e propriedade, essas sim centrais para grandes transformações sociais.

272 As interpretações a respeito do ciclo de protestos disputam significados e revelam preferências políticas  
273 distintas. Segundo um esquema bem geral, de um lado existem interpretações mais entusiastas a respeito de Junho  
274 de 2013 e seu p otencial de expressão da democracia; de outro, critica-se as Jornadas por hipoteticamente terem  
275 contribuído para a perda de legitimidade dos governos petistas. Em meio a essa disputa, acadêmicos procuram  
276 mostrar dad os que apontam para a diversidade das Jornadas e a impossibilidade de leituras simplificadas a seu  
277 respeito.

278 Mas o espectro político não é a única forma pela qual seria possível organizar as diversas interpretações sobre  
279 Junho. Uma vez que as Jornadas consistiram em um processo progressivo e contraditório que deu vazão a  
280 questões de ordens diversas, suas interpretações também podem organizadas de acordo com o momento em que  
281 foram produzidas. Em um momento imediatamente posterior, os escritos constataavam com entusiasmo que os  
282 brasileiros estariam se mobilizando para finalmente exigirem seus direitos, com destaque para o direito à cidade  
283 e o direito a serviços públicos de qualidade. Passad os alguns anos, as análises tornaram-se mais cuidadosas na  
284 medida em que traçavam distinções entre os ciclos de protestos e indicavam diversidade até mesmo dentro de um  
285 único ciclo -essa também foi a intenção do presente artigo.

286 **10 VI.**

287 **11 Conclusão**

288 Este artigo buscou organizar e problematizar os escritos sobre o maior ciclo de protestos ocorrido no Brasil  
289 pós-redemocratização, as Jornadas de Junho. Seu esforço principal foi distinguir os argumentos segundo as  
290 características, origens e consequências das Jornadas. <sup>1 2</sup>

---

<sup>1</sup>Year 2020 © 2020 Global Journals Interpretações Sobre as Jornadas De Junho De 2013

<sup>2</sup>© 2020 Global Journals Interpretações Sobre as Jornadas De Junho De 2013

2013 tenha reunido atores sociais novos cujas características são a autonomia e a horizontalidade. tarifa do transporte coletivo não sofresse aumento (Augusto; Rosa; Resende, 2016).

Por outro lado, outros textos alertam para a impossibilidade de se associar as Jornadas a um único protesto (Bringel; Pleyers, 2015; Paccelli, 2016; Tavares; Roriz; Oliveira, 2016). Tais estudos indicam que os protestos aconteceram em diversas partes do país (Paccelli, 2016; Tavares; Roriz; Oliveira, 2016), e ademais que "as lógicas de mobilização, a composição social dos manifestantes e a correlação de forças variou consideravelmente analisadas" (Bringel; Pleyers, 2015, p.7). A identificação 9

dependendo das cidades das Jornadas com os eventos que ocorreram em São Paulo e no Rio de Janeiro revelaria uma visão sudestecêntrica (Tavares; Roriz; Oliveira, 2016), uma vez que ambas as cidades estão localizadas na região Sudeste do Brasil, a mais rica e populosa. Da mesma forma que existe uma vinculação de Junho com os protestos liderados pelo MPL, existe a associação de Junho com um tipo de organização política que se apresenta como novidade, na medida em que se propõe como mais horizontal e distante da política tradicional: os coletivos (Augusto; Rosa; Resende, 2016; Gondin, 2016). Para essa interpretação, as Jornadas seriam caracterizadas pela ruptura com o Volume XX Issue III Version I (FF)

sistema da política tradicional, pois comportariam e disseminariam organizações políticas mais horizontais e sem liderança.

Essa identificação tem relação com o fato de que o próprio MPL (organização considerada um símbolo de Junho de 2013) se apresenta como uma organização sem liderança, distante da burocracia e dos protocolos das organizações mais tradicionais como os partidos (Movimento Passe Livre, 2013). De fato estavam presentes nas Jornadas organizações chamadas de coletivos (Perez, 2019; Tatagiba; Galvão, 2019; Vommaro, 2015). Mas ainda assim não é possível afirmar que apenas os coletivos estavam presentes nas Jornadas.

Trata-se de um clico de protestos com variações importantes entre eles e dentro deles. Entre os atores havia diversos setores da sociedade, organizados ou não (Paccelli, 2016, p.35). Conforme estudo de Tatagiba e Galvão (2019), os grupos sociais tradicionalmente mais mobilizados, a exemplo dos trabalhadores, foram os que mais se fizeram presentes nas ruas entre 2011 e 2016. Esses dados indicam a presença de organizações tradicionais, o que vai contra uma certa interpretação de que Junho de

mobilização. Autonomistas e socialistas se situaram à esquerda do governo do PT, com agenda reformista, mais e melhores políticas públicas e expansão de direitos. O setor patriota ia do liberalismo (a favor do Estado enxuto e eficiente "padrão Fifa") ao conservadorismo (pró-ditadura militar), com foco no rechaço a instituições políticas, políticos e partidos, e na identificação do PT com a corrupção, via Mensalão ("Corruptos").

De fato, pautas e organizações conservadoras já estavam presentes em Junho, embora tenham ganhado ênfase em protestos posteriores. A pesquisa sobre a nova direita conduzida pelo

Junho (2017,

p.52):

[...] não era um "todos contra tudo o que está aí".

Havia preponderâncias de pauta em cada setor da

Figure 2:

- 
- 291 [Direita et al.] , Direita , Fundação Da Direita E O Ciclo Político Brasileiro , Perseu Abramo . São Paulo.  
292 [Paulo] , São Paulo .
- 293 [Cruz et al. ()] , S V Cruz , A Kaysel , G Cudas . 2015.
- 294 [Perez ()] , O C Perez . 2019. Opinião Publica. p. . (Relações entre coletivos com as Jornadas de Junho')
- 295 [Cocco ()] 'A Constituição do trabalho metropolitano: junho-outubro de'. G Cocco . *Liinc em Revista* 2014.  
296 2013. (10) p. .
- 297 [Alonso ()] 'A política das ruas? Protestos em São Paulo de Dilma a Temer'. A Alonso . *Novos Estudos CEBRAP*  
298 2017. p. .
- 299 [Alves ()] G Alves . *Ocupar Wall Street... e depois? In: HARVEY, D. et all. Occupy . Movimentos de protesto*  
300 *que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo, Carta Maior*, 2012. p. .
- 301 [Bardin ()] *Análise de conteúdo*, L Bardin . 2006. Lisboa. p. 70.
- 302 [Carneiro ()] *Apresentação'. In: HARVEY, D. et all. Occupy. Movimentos de protesto o que tomaram as ruas*, H  
303 Carneiro . 2012. Boitempo, Carta Maior. p. .
- 304 [Tavares et al. ()] 'As jornadas de maio em Goiânia: para além de uma visão sudestecêntrica do Junho brasileiro  
305 em'. F M M Tavares , J H R Roriz , I C Oliveira . *Opinião Pública* 2016. 2013. 22 p. .
- 306 [Perruso et al. ()] *As manifestações de Junho de 2013 e o horizonte dos movimentos sociais no Brasil.' 38º. Enc*  
307 *ontro Anual da ANPOCS*, M Perruso , . Anais , Caxambu . 2014. 2014.
- 308 [Movimento Passe Livre -São ()] 'As ruas e a democracia: ensaios sobre o Brasil contemporâneo. Brasília: FAP'.  
309 Paulo Movimento Passe Livre -São . *Maricato, Ermínia e outros. Cidades rebeldes. São Paulo: Boitempo*  
310 2013. 2013. 2013. Contraponto. (Não começou em Salvador, não vai terminar em São Paulo. Rio de Janeiro)
- 311 [Paccelli ()] 'Ação coletiva e confronto político: uma leitura das manifestações de junho de 2013 no Brasil'. G  
312 Paccelli . *Entropia* 2016. (1) p. .
- 313 [El País ()] *Bolsonaro depura sentimento anti-PT e colhe manifestação mais con-*  
314 *servadora*, El País . [https://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/03/](https://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/03/1602961-protestos-de-junho-de-2013-atrairam-1-milhao-no-auge.shtml)  
315 [1602961-protestos-de-junho-de-2013-atrairam-1-milhao-no-auge.shtml](https://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/03/1602961-protestos-de-junho-de-2013-atrairam-1-milhao-no-auge.shtml)>  
316 *Acessoemoutubrode* 2018. 2018. 2018. (Protestos de junho de 2013 atraíram 1 milhão no auge)
- 317 [Almeida ()] 'Bolsonaro presidente. Conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira'. R Almeida . *Novos*  
318 *Estudos CEBRAP* 2019. 38 (1) p. .
- 319 [Moraes ()] 'Brasil "redemocratizado": um gigante que acordou? A discursividade midiática sobre os protestos  
320 de junho de'. É Moraes . *Revista Eletrônica do Programa do Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano* 2015. 2013.  
321 (6) p. .
- 322 [Singer ()] 'Brasil, junho de'. A Singer . *Novos estudos CEBRAP* 2013. 2013. (97) p. .
- 323 [Purdy ()] 'Brazil's June Days of 2013: Mass Protest, Class, and the Left'. S Purdy . *Latin American Perspectives*  
324 2017. 46 (4) p. .
- 325 [Augusto et al. ()] 'Capturas e resistências nas democracias liberais: uma mirada sobre a participação dos jovens  
326 nos novíssimos movimentos'. A; Augusto , P O Rosa , P E R Resende . *Revista Estudos de Sociologia* 2016.  
327 (40) p. .
- 328 [Alonso and ; Mische ()] 'Changing Repertoires and Partisan Ambivalence in the New Brazilian Protests'. A  
329 Alonso , A ; Mische . *Bulletin of Latin American Research* 2016. p. .
- 330 [Harvey ()] *Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*, D Harvey . 2014. São. Paulo: Martins  
331 Fontes.
- 332 [Lima (ed.) ()] *Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*, V Lima . Harvey. D. (ed.) 2014. São.  
333 Paulo: Martins Fontes. (Mídia, rebeldia urbana e crise da representação)
- 334 [Nunes ()] 'Comunicação e sociedade civil: as manifestações brasileiras em junho de 2013'. M Nunes . *Revista*  
335 *Uninter de Comunicação* 2014. (2) p. .
- 336 [Santos ()] 'Crise de representação política no Brasil e os protestos de junho de 2013'. E Santos . *Liinc em Revista*  
337 2014. (10) p. .
- 338 [Moises ()] 'Cultura política, instituições e democracia: lições da experiência brasileira'. J A Moises . *Rev. Bras.*  
339 *Ci. Soc* 2008. (66) p. .
- 340 [Machado and Miskolci ()] 'Das jornadas de junho à cruzada moral: o papel das redes sociais na polarização  
341 política brasileira'. J Machado , R Miskolci . *Sociologia & Antropologia* 2019. 9 (3) p. .
- 342 [Fonseca ()] *De Junho de 2013 ao golpe parlamentar: polifonia, contradições, atores e impactos*, F Fonseca .  
343 2018. IV Conferência Internacional Greves e Conflitos Sociais. Anais.
- 344 [Silva ()] 'Democracia e criminalização dos movimentos sociais no Brasil: as manifestações de junho de 2013'. I  
345 Silva . *Revista de Políticas Públicas* 2015. p. .

## 11 CONCLUSÃO

---

- 346 [Sampaio and Mancini ( )] ‘Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica’.  
347 R F Sampaio , M C Mancini . *Rev. bras. fisioter* 2017. (11) p. .
- 348 [Rocha ( )] ‘Imposto é Roubo!’ A Formação de um Contrapúblico Ultraliberal e os Protestos Pró-Impeachment  
349 de Dilma Rousseff’. C Rocha . *Da dos*, 2019. 62 p. .
- 350 [Gohn ( )] ‘Jovens na política na atualidade: uma nova cultura de participação’’. M G Gohn . *Caderno CRH*  
351 2018. 82 p. .
- 352 [Mendonça et al. ( )] *Junho de 2013: um balanço necessário o? 41º. Encontro Anual da ANPOCS*, R F Mendonça  
353 , . Anais , Caxambu . 2017. 2014.
- 354 [Bringel and Players ( )] ‘Junho de 2013? Dois anos depois: polarização, impactos e reconfiguração do ativismo  
355 no Brasil’’. B Bringel , G Players . *Nueva Sociedad* 2015. 259 p. .
- 356 [Vommaro ( )] *Juventudes y políticas en la Argentina y en América Latina: tendencias, conflictos y desafíos*, P  
357 Vommaro . 2015. Argentina. Grupo Editor Universitário
- 358 [Gondim ( )] *Movimentos sociais contemporâneos no Brasil: a face invisível das Jornadas de Junho de*, L M P  
359 Gondim . 2016. 2013. p. . (Polis [online])
- 360 [Gohn ( )] *Manifestações e protestos no Brasil*, M G Gohn . 2017. São Paulo: Cortez.
- 361 [Bringel (eds.) ( )] *Miopias, sentidos e tendências do levante brasileiro de*, B Bringel . BRINGEL, B., Domingues,  
362 J. M. (eds.) 2013. 2013. Rio de Janeiro. p. . ((Orgs.). As jornadas de junho em perspectiva global)
- 363 [Moraes ( )] A Moraes . *Junho: potência das ruas e das redes*, (São Paulo) 2014. Friedrich Ebert Stiftung. (org s)
- 364 [Miranda ( )] *O conflito de interpretações nas esquerdas a respeito das manifestações de junho de 2013*, J Miranda  
365 . 2017. p. . (Revista de Ciências do Estado)
- 366 [Tarrow ( )] *O poder em movimento: movimentos sociais e confronto político*, S Tarrow . 2009. Petrópolis: Vozes.
- 367 [Harvey ( )] *Occupy . Movimentos de protesto que tomaram as ruas*, D Harvey . 2012. São Paulo; Boitempo,  
368 Carta Maior.
- 369 [Tatagiba and Galvão ( )] ‘Os protestos no Brasil em tempos de crise’. L Tatagiba , A Galvão . *Opinião Pública*  
370 2019. 2011-2016. 25 (1) p. .
- 371 [Tatagiba et al. ( )] ‘Protestos à direita no Brasil’. L Tatagiba , T Trindade , A C Teixeira . *Direita, volver! O*  
372 *retorno da direita e o ciclo político brasileiro*, S V Cruz, ; A Kaysel, ; G Codas (ed.) (São Paulo) 2015.  
373 1997-2015. Fundação Perseu Abramo.
- 374 [Souza ( )] *Quando os partidos entram em cena: Redes Políticas entre Movimentos Sociais e Partidos Políticos*  
375 *no Ciclo de Protestos de*, R Souza . 2017. 2013 a 2016. (41º. Encontro Anual da ANPOCS, 2014. Anais...  
376 Caxambu)
- 377 [Tatagiba ( )] ‘sobre ciclos de protestos e democracia no Brasil’’. L Tatagiba . *Política & Sociedade* de 2014. 1984.  
378 1992 e 2013. 28 p. .
- 379 [Tatagiba ( )] ‘Um inventário inicial das direitas em movimento’. L Tatagiba . *Sinais Sociais* 2017. 2011-2016. 33  
380 p. . (Os protestos e a crise brasileira)
- 381 [Coutrot ( )] ‘Brasil. Turquia: algumas lições de Junho de’. T Coutrot . *R. Pol. Públ* 2014. 2013. p. .